

Entre Fundamentalismo e Iluminismo.

Problemas do trabalho teológico em nossa Igreja.

Uma notícia estatística publicada na "Herder-Korrespondenz" — órgão oficioso da Igreja Romana —, se não me falha de fevereiro dêste ano, afirma que durante os últimos dois anos, cêrca de 700 padres na América Latina voltaram as costas à sua Igreja e dela se retiraram. Um exame dos motivos, até o ponto em que tal exame é possível, mostrou que, principalmente entre os mais jovens, não foram motivos sociológicos — como por exemplo o desejo de casar — que desempenharam o papel preponderante e tinham primasia. Entretanto, em unanimidade abismante, 90% falou de um estado de crise, que talvez possa ser resumido da seguinte maneira: "Após a conclusão do nosso curso somos mandados para fora e abandonados em qualquer lugar dêste extenso país. Nos são feitas perguntas — principalmente pela juventude estudantil sedenta por um saber e uma formação sempre maiores — sôbre as quais praticamente não falamos durante o tempo de nosso estudo. Sempre somos obrigados a dar respostas, quando nós mesmos ainda gostaríamos de estudar, pelo que, mais dia menos dia, estaremos liquidados".

Na mesma época o jornalista-teólogo Heinz Zahrnt, conhecido por seus artigos no semanário dominical de Lilje e também por outras publicações, escreveu um artigo analisando a situação intelectual e espiritual que reina atualmente na Alemanha, sob o significativo título: "O iluminismo sòmente nos alcançou agora", artigo êste que, como me tem sido confirmado diversas vêzes, tem merecido assentimento também em círculos brasileiros interessados — círculos êstes que vão além dos limites de nossa Igreja — no sentido de que, embora se tenha de considerar as enormes diferenças entre a situação intelectual na Europa, especialmente na Alemanha, e em nosso país, se poderia formular, variando um pouco: O iluminismo — no seu melhor sentido, antes de mais nada como busca do saber que pretende ajudar na moldagem da vida humana de uma forma responsável em tôdas as áreas — sòmente agora começa a penetrar em nosso país, isso no mínimo em vista do aumento do número de matrículas, do crescimento da geração estudantil que se radica nas cidades. A corrida para as cidades, fenômeno conhecido de todos e que os sociólogos definem unânimemente como processo irreversível em nosso país no decorrer dos próximos 20 anos, não é apenas do elemento agrário que simplesmente vende suas terras e vai à cidade na vaga e indeterminada esperança de realizar a sua sorte. Neste processo está contido tam-

bém o impulso em direção de uma formação maior, fenômeno que deverá preocupar a Igreja, principalmente em vista da geração nova que lhe é confiada. Quanto mais retiradas as comunidades, tanto mais vêzes já deve ter acontecido aos senhores o que um dos nossos ex-estudantes e atualmente pastor, disse entristecido: Justamente aquêles — poucos por enquanto — em especial dentre os jovens, que são mais abertos e com os quais, além de se poder trabalhar responsavelmente, também se pode dialogar, aos quais a gente não precisa dar apenas, justamente êstes a gente terá de deixar que se vão a fim de progredirem, sim, a gente terá de dar-lhes ânimo a fazê-lo para o seu próprio bem.

Talvez agora, meus amigos, os senhores entendam os motivos por que antepus êstes dois fenômenos, ou melhor, estas duas análises às minhas considerações, talvez agora os senhores entendam que ambas estão intrinsecamente ligadas, embora não se possa reconhecê-lo à primeira vista: O padre católico-romano que — sob muitos aspectos certamente em escala maior do que o pastor evangélico — se sente abandonado, e a geração nova que deseja, em escala crescente, a discussão em lugar da prédica monologisada, reflexão em lugar do dogma, engajamento pessoal em lugar do serviço pastoral tradicional — ambos caracterizam um fenômeno que, segundo opinião dos entendidos, embora se apresente em formas diferentes neste extenso país, é irreversível e decisivo a curto prazo no Brasil. Se bem que nossa Igreja só alcance uma extensão relativamente pequena de todo o país, ela não poderá fechar-se a êste processo, aliás, mesmo que ela o quizesse não poderia fazê-lo, pois, como temos visto, também ela está tomada por êste processo em todos os seus membros. Quando, há pouco tempo em uma reunião de pastôres em Campo Bom, um catedrático de Pôrto Alegre deixou claro que, já dentro de cêrca de 20 anos, sòmente 10% das nossas comunidades serão rurais enquanto que as demais ter-se-ão tornado urbanas e, quando então foi perguntado o que a Igreja e também o pastor deveriam fazer, foi dada a única resposta cabível: Ao pastor não resta outra coisa, senão ir junto. Sob êste conceito, num sentido metafórico, desejo analisar os “problemas do trabalho, respectivamente, do estudo teológico na IECLB hoje” à mão de algumas teses que obedecerão à pergunta: O que significa “ir junto” com os homens de nossas comunidades — e isso no sentido mais amplo — quer êles mudem de residência nos próximos 20 anos, quer não, “ir junto” em nome de Jesus Cristo?

I — Uma mudança fundamental no terreno espiritual e intelectual não é algo de nôvo ou perigoso por si mesmo e por isso algo que tenha de ser recusado integralmente pela comunidade de Jesus Cristo, na qualidade de povo de Deus em peregrinação, pois tais realidades e evoluções sociológicas — tanto em tradição como em mutação — não podem ser encaradas como constitutivas da existência teológica. Elas, entretanto, são, tanto ontem, como hoje e como amanhã, a tarefa, o terreno no qual a exis-

tência cristã individual e na comunidade e igreja, deverá comprovar-se.

Quem conhece ao menos um pouco da história de Israel, do povo do pacto veto-testamentário, saberá que o povo de Deus, justamente em face da fidelidade incansável de Deus, passou por muitas mudanças históricas, mudanças estas que não estavam terminadas quando os grupos de tribos seminômades e errantes encontraram, na terra fértil da Palestina, um lugar de relativo sossego e reunião. Antes, isso sim, a tensão do conflito espiritual e intelectual vai desde a mudança de seminômades para trabalhadores agrários e cidadãos, através de um processo cheio de alterações que desembocou no estado imperial, até a reunião de uma comunidade exílica e pós-exílica, a qual teve de passar literalmente pelo ponto zero, pela crise absoluta de sua existência, tanto no terreno político como no religioso. Tôdas estas evoluções, para o leitor assíduo que não vê na Bíblia um livro de verdades e frases de valor generalizado e absoluto, sedimentaram-se na infinidade de testemunhos do Antigo Testamento, cujo mais antigo dista do mais nôvo cêrca de 1.000 anos. E é um traço marcante e sobremaneira característico de todos êstes escritos, que êles nunca — quer na crítica dos profetas, quer nos hinos da comunidade que conhecemos como Salmos — condenam o nôvo pelo simples fato de ser nôvo, que êles nunca, em princípio, recusam a cultura, o saber, o pensar como algo que seja inimigo à tradição e à religiosidade. Por outro lado, porém, nunca se trata de uma revolução em si, simplesmente segundo o princípio trivial de que “tudo tem que ser alterado”. Mas, onde o profeta conclama a preparar terra nova (i. e., a arar um campo virgem; cf. Os. 10,12; Jer. 4,3; Prov. 13,23), trata-se sempre — e isso em especial na passagem de Oséias — da busca profético-teológica de “reconhecimentos” trata-se de crer e entender, de compreender e crer a vontade de Deus para o “hoje”, em situações históricas sempre novas e atuais (buscar a Deus — perguntar pela atualidade). Em outras palavras: Desde os testemunhos mais antigos — humanamente falando através dos caminhos não raro tortuosos de Israel, até às discussões teológicas que se desprendem de Esdras e Neemias, nunca é apresentada uma teologia da revolução ou da tradição de valor absoluto e atemporal. A fidelidade de Deus, em juízo e graça, que segue e procura o homem na história, é a única constante e constitutiva. A explicação e a fixação de posições teológicas da comunidade e do indivíduo, feitas com tôdas as possibilidades do saber e do entendimento no dia a dia, bem como as tarefas que, no decurso dos diversos momentos históricos, precisam ser formuladas de nôvo, têm todo o seu ímpeto desta constitutiva e constante, e é justamente isso que perfaz a riqueza do testemunho veto-testamentário em tôda a sua diversidade.

Esta relação, concentrada na ação definitiva de Deus em Jesus Cristo, fica bem evidente no Nôvo Testamento, cuja histó-

ria de formulação abrange cêrca de 100 anos. Pelo fato de ter um só Senhor, a igreja primitiva não desmorona quando, por exemplo, surgem profundas diferenças na formulação das afirmações de fé e nas exigências em relação à existência diária dos cristãos, de um lado por parte de Tiago que está arraigado na tradição judaica e de outro por parte de Paulo, que originalmente provém da mesma tradição, mas que agora está trabalhando nas comunidades das cidades portuárias da Ásia Menor. Justamente os pontos de partida sociológicos diferentes é que também levam a formulações diversas. Como dito, por isso a igreja não desmorona. Pelo contrário: As formas nas quais a fé é testemunhada e vivida e as tarefas sociológicas que o respectivo ambiente impõe à comunidade e ao indivíduo, podem ser formuladas de maneira tanto mais variada e assim encaradas mais apropriadamente, quanto o Cristo, na qualidade do ressurreto, do Senhor vivo, nos livrou de tôdas as ideologias e fanáticos, especialmente de ideologias e fanáticos cristãos. Daí porque, realmente, tudo é nosso de momento em momento, porque somos de Cristo. Daí porque Paulo se opõe enêrgicamente e com sucesso apenas à uma coisa: Ao fato de que esta liberdade concedida por Cristo se torna inverossímil, porque determinados grupos dentro da igreja encaram sua própria forma de fé e de organização como normativa, como a única que salva, tanto que, na igreja, começam a diferenciar entre convertidos e não-convertidos (cf. Gál. 2!). Porque até os nossos dias em nossa situação, entram em jôgo sorrateiramente constitutivas sociológicas, porque se capitula diante do pretense ídolo do "iluminismo e do saber", procurando refúgio na "intimidade da fé" e transformando, assim, êste ídolo em um inimigo, isto é, em um ídolo, desejo formular uma segunda tese, baseado na mensagem bíblica.

II — A singularidade da Igreja Evangélica se mostra justamente na diversidade fraternal de suas formas de fé, de pensar e de organização que são possíveis. Por isso deveria ser possível à IECLB, que por uma decisão livre assumiu uma forma de organização no ano passado, levar avante um trabalho teológico conjunto que leve para fora do fundamentalismo dos séculos XVIII e XIX e à realidade do século XX, procurando vencer uma idolatria do iluminismo e do saber em nosso país, sem jamais, porém, entender e explicar a fé sem pensar, sem compreender. Nossa igreja tem uma tarefa neste país, que vai desde o simples estudo bíblico na colônia até à discussão teológica com docentes e estudantes, tarefa frente à qual uma retirada para o terreno da atividade religiosa íntima, em pequenos ou grandes grupos de pessoas da mesma opinião, deve ser considerada irresponsável a partir da tarefa imposta por Jesus, a saber, "enviados ao mundo". Justamente o teólogo deveria sabê-lo, proclamá-lo e vivê-lo: A meditação sem informação se torna vazia, a inspiração, sem o trabalho da pesquisa da palavra de Deus que nos foi transmitida dentro de um determinado contexto histórico, pesquisa esta que deverá ser realizada com todos os dons de nosso entendimento

e todos os meios de nosso saber, uma sem-vergonhice frente ao Espírito de Deus. No fim da discussão teológica realmente difícil, a qual fará com que se distingam diversos discípulos em torno de Jesus, chamado também “o pão da vida”, a existência daqueles que permanecem com Cristo é descrita com as palavras de Pedro: (Jo. 6,69) “nós temos crido e reconhecido que tu és o Santo de Deus”. O testemunho não pode existir sem reconhecimento, o saber impõe à fé uma tarefa.

Por falta de tempo não procuraremos passagens veto-testamentárias para fundamentar o que dissemos acima, passagens que existem em grande número. Em relação ao Nôvo Testamento, desejo, considerando-se a infinidade de textos que se correspondem, ao menos lembrar ainda I Cor. 12, 1ss, que acentua de maneira enfática o fato de que o Espírito, como origem de todos os dons, faz com que transcendamos a nós mesmos no serviço que prestamos ao todo e com que a comunidade transcenda a si mesma no serviço no e ao mundo. Este capítulo deveria ser lido sempre de nôvo por todo aquele que entremeios está desanimado, porque outros, aparentemente, conseguem crer tão mais firmemente e organizar muito melhor; mas também aquele deveria lê-lo, que começa a pensar que somente a sua maneira e forma de viver a fé e de organizar a comunidade é autenticamente do Espírito Santo, e que por isso já começa a contar o número de seus seguidores no plano da igreja. Tanto as psicoses de inferioridade, como as maneiras híbridas de ser extrovertido, são fraquezas humanas bastante difundidas, as quais, porém, nos têrmos da situação entre fundamentalismo e iluminismo individual, exposto acima, podem tornar-se extremamente perigosas, especialmente para o teólogo em sua comunidade, uma vez que o refúgio na letra corresponde ao refúgio em uma determinada pessoa (de Apolo, de Paulo, de Cefas. Cf. I Cor. 3); tanto um como o outro obscurecem a mensagem, impedem a discussão total com a causa do evangelho e — se bem que constantemente falem no nome de Jesus — distorcem o encontro verdadeiro com o Senhor ressurto.

Permitam-me, porém, concretizar as palavras da tese, transferindo nossa temática geral para dentro da nossa situação de hoje no Brasil.

Se vejo bem, o desenvolvimento sociológico e intelectual esboçado acima tornar-se-á sempre mais claro no ambiente de nossa igreja, em sua colocação entre fundamentalismo e iluminismo, e isso em três terrenos:

a) de um lado uma diferença sempre maior entre a comunidade urbana e a rural, devendo ser lembrado que haverá, além disso, a diferença entre comunidades das pequenas e médias cidades e as comunidades tradicionais das metrópoles, e de outro lado o problema, ainda em nada solucionado do imigrante evangélico que permanece à beira das metrópoles.

b) o problema entre as gerações, que também em nossas áreas rurais não mais poderá ser suprimido, problema êste que se evidencia principalmente na posição e nos anseios da juventude em relação às formas tradicionais de comunidade e da assim chamada vida eclesiástica.

c) na cristalização sempre mais evidente — considerando-se o número crescente de pastôres nascidos aqui — de grupos da mesma linha de pensamento no âmbito da igreja. Nestes grupos — apenas para mencionar as duas tendências principais — uns pensam terem de defender uma compreensão rigidamente fundamentalista e prêsa à letra dos testemunhos bíblicos (verdades eternas), partindo da preocupação compreensível de que, se abandonarem esta compreensão tudo estará perdido, ao passo que outros — especialmente os jovens que estudam — influenciados pela afluência de uma crença científica, tentam colocar-se na altura da situação social atual (sob o conceito de realidade brasileira), pensando poderem tirar diretamente da Bíblia teorias econômicas e sociais.

Antes de tentar mais algumas considerações concisas que deverão levar adiante nestes três terrenos pretendo deixar claro um ponto: Pessoalmente sou da opinião de que, em nosso país, as quebras e os abismos nestas três esferas, não poderão ser solucionadas de forma objetiva no decurso dos próximos decênios, creio, porém, que êles tornar-se-ão ainda maiores. Dentro dêste panorama, pastôres e comunidades poderão fazer o papel de pontes vivas, pulando na brecha através da realização de sua vida concreta, exatamente no lugar onde os abismos se abrem. Isso, no entanto, poderá inclusive significar que, por causa e em favor do outro, a gente tenha que colocar freios na própria opinião, não tomando partido, sem com isso, porém, estabelecer um compromisso podre ou tornar-se inverossímel diante de Deus e de si mesmo.

Ref. a a) Todos os tipos de encontros de teólogos e leigos no âmbito de nossa igreja, deverão servir sempre mais à comunicação, no sentido de que a situação sociológica do outro, diferente da nossa, seja entendida e analisada teologicamente em conjunto. Enquanto que até o momento os evangélicos no Brasil têm sido uma pequena minoria, com ligações de caráter tanto quanto histórico-pessoal, quase que de parentesco, no futuro êles deverão realçar e ativar aquilo que os une e caracteriza teologicamente, se não quiserem vegetar simplesmente aqui e acolá, sendo, algum dia, absorvidos por completo por movimentos sociológicos maiores e de certa envergadura. Não pretendo tratar aqui o problema da missão à beira das metrópoles e da formação adequada para tal, ou então de um sistema — ao menos inicial — que possibilite comunicações sôbre as famílias em migração. Sômente gostaria de lembrar uma coisa: O fato de que ainda existirão comunidades tipicamente rurais dentro dos próximos 50 anos, não nos deverá levar à ilusão de que não precisaríamos, desde já,

cada um em seu lugar, fazer tudo no sentido de que o horizonte-de-torre da própria igreja que nossas comunidades têm, seja rompido. Como na biologia medicinal, também existe de-generação intelectual velada muito mais perigosa, isto é, uma degeneração que progride gradativamente e que somente será descoberta depois de uma ou duas gerações. Se quiserem um exemplo bíblico, podem tomar o povo do pacto veto-testamentário, o qual, no tocante aos conceitos tradicionais, vinha vivendo em uma segurança de séculos, pelo que, foi quase mortal e totalmente surpreendido pela situação do exílio.

Ref. a b) Também em nosso país haverá um distanciamento sempre maior entre jovens e "velhos", talvez inclusive entre jovens e a comunidade no sentido tradicional alemão. Talvez seja possível evitar fixações extremas de ambos os lados como elas existem atualmente na Europa, reconhecendo-se suficientemente cedo os motivos deste desenvolvimento e partindo-se serenamente do fato de que nem a idade e nem a linguagem são constitutivas para o Evangelho. Ao menos uma coisa eu sei de inúmeros diálogos que tive com jovens daqui, diálogos estes, que em princípio são a continuação dos mesmos diálogos que tive na Alemanha como pastor de estudantes: Até hoje não tenho encontrado um jovem sequer que não se interessasse profundamente pela pergunta por Deus, quando esta é feita separadamente da pergunta pela igreja institucionalizada e pela fé convencional. Eles apenas não mais estão dispostos a ouvir "fundamentações" como: "isso sempre foi assim e por isso também permanecerá assim" ou então: "isso tu não podes descobrir, deves crer somente". E eles fazem bem em assim agindo, pois nenhum teólogo sério, que creu e reconheceu ser Cristo o Santo de Deus, deverá arriscar frases assim. É bobagem falar generalizadamente de uma tendência à descrença entre a juventude, e procurar combatê-la com tentativas de conversão psicológica, que não passa de uma experiência da puberdade. Antes, isso sim, é necessário que o pastor se ponha entre as gerações, pois poderá ser que em certas ocasiões ele seja — em nome de Jesus Cristo — o maior elo de ligação entre pais e filhos. E, para que eu não me torne suspeito de falar unilateralmente em favor dos jovens, faço ainda uma pequena observação: É interessante que os jovens, a longo prazo, acabam desejando um pastor mais "idoso", isto é, mais maduro e com mais experiência.

Ref. a c) Para nós, neste círculo, talvez já agora este ponto seja o mais crítico e sem dúvida, dentro de mais tardar um decênio, ele o será para toda a igreja. Isso porque os partidos espirituais e intelectuais já alcançaram os pastores bem como outras instâncias da igreja, tendo sido inclusive, em alguns lugares, levado às comunidades, em forma de afirmações não examinadas nem fundamentadas, por meio das quais se nega ao outro determinadas bases de fé ou mesmo a "fé verdadeira".

Tentei expor acima o que do ponto de vista bíblico deve ser dito em relação ao todo do nosso tema. Não creio, de forma alguma, que a relação fé e saber, sejam alternativas que se excluem. Quanto à forma da discussão, que, para os cristãos, neste caso está intimamente relacionada com o conteúdo, desejo ressaltar mais uma vez com tôda ênfase: Antigo e Nôvo Testamentos sòmente conhecem o diálogo direto e fraternal e a intercessão, para a discussão em tôrno das formas de fé e de existência cristã diária entre os grupos de opiniões diferentes. Justamente êstes são os critérios práticos para o "examinar dos espíritos", como o deixa evidente a segunda parte do capítulo 4 (vs. 7ss) da primeira epístola de João. Justamente quando alguém começa a reunir uma elite esotérica de seguidores de qualificação superior e isso conscientemente, anatematizando os que creem de uma maneira diferente — notem bem, meus amigos, não os que creem em algo diferente! — o cristianismo intensamente conhecido e vivido se torna duvidoso, do ponto de vista do evangelho. Se nós, num país com sua carga da herança católico-romana, mais a infinidade de movimentos sectários recentes, não admitirmos, no decorrer dos próximos decênios, a existência de grupos de opinião e grupos de trabalho diversos, mas chegarmos a um verdadeiro partidarismo e inclusive a processos de hereges, por supervalorizarmos essa ou aquela opinião de uma determinada escola, ou então um determinado estilo de vida, quer partindo do fundamentalismo, quer do iluminismo, e isso no âmbito de uma igreja tão pequena como a nossa, dentro de mais tardar 20 anos estaremos perdidos e ter-nos-emos degradado a grupos sectários. Tudo depende de que cada um de nós, tanto com seus amigos como com os de opinião contrária, se compreenda — usando um exemplo citado pelo falecido pastor W. Busch de Essen — como um dos apitos de um órgão, mantendo cada um o seu tom peculiar no órgão da pregação da realeza de Jesus Cristo.

Permitam-me, ao encerrar, que — nos têrmos de nosso tema— ainda demos uma olhada ao trabalho teológico e à situação de nossa Faculdade e de nossos estudantes. Nossa Faculdade, em sua história e sua tarefa, está muito achegada às comunidades. Por isso não é de admirar que uma série de pensamentos e motivos enumerados até aqui se reflitam em nossos estudantes e levem à formação de grupos de opiniões diversas. Partindo dêste fato e do outro, a saber, que o estudante, já durante o seu estudo, trabalha nas comunidades nas mais diversas tarefas, o medo de que, com o correr do tempo, se abra, como atualmente na Europa e em outros lugares, um abismo entre a teologia acadêmica e a fé da comunidade, é totalmente infundado. Os senhores terão de lembrar-se sempre desta boa relação que é característica e peculiar, e por isso, baseados em notícias vindas da Europa, não deverão assustar-se quando um estudante começar a formular o seu testemunho de uma maneira nada convencional ou a procurar novos caminhos para o trabalho da comunidade. Acho inclusive, que nesta proximidade e nesta ligação existencial há um certo

perigo, caso não nos esforcemos no sentido de um entendimento mútuo, qual seja, o perigo de que, de nós, se espere a fabricação de pastôres prèviamente programada, pastôres que serão e agirão da mesma maneira como sempre foi e sempre agiu um pastor. Justamente isso, entretanto, será cada vez menos possível em nosso país, dado o desenvolvimento apontado acima: De um lado por causa dos próprios jovens, que agora vêm vindo para a Faculdade das regiões mais diversas e que, antes de mais nada, terão de trabalhar teològicamente para si mesmos — com tòda a fôrça e sem desligar o entendimento — e tomar uma série de decisões antes de entrarem ativamente no serviço da pregação; por outro lado, porque a “profissão” do pastor — entre fundamentalismo e iluminismo — se torna sempre mais difícil sob o impacto da discussão espiritual e intelectual e, creio eu, também mais bonita. Ele não mais poderá pregar diante das pessoas, mas terá de ingressar nas discussões. Ele não mais servirá a uma comunidade passiva de acòrdo com formas pré-fixadas, mas terá de, com a comunidade, levar uma vida responsável diante de Deus. Para tal, porém, êle terá de estudar teologia com afinco sempre maior, pois o que são, afinal, quatro anos de estudo, muitas vèzes interrompidos, à partir dos quais a gente deverá dar respostas e estar à disposição das pessoas durante tòda uma vida!?

Em consideração a tudo isso, a minha última frase deverá ser um pedido em favor do nosso estudante. Se os senhores, as comunidades, derem o dinheiro, deixem que isso seja uma bôlsa total, que seja uma dádiva de confiança para o estudante durante todo o seu tempo de estudo, e isso não apenas financeiramente, mas também espiritualmente, em matéria de tempo, humanamente, intelectualmente e sociològicamente. Não mais perguntem quantos pastôres “produzimos” por ano, mas zelem também pela qualidade do trabalho teològico e por sua continuidade após a formação. Deveriam ser bôlsas e não — também no sentido figurado — hipotecas, porque só então os jovens teològos poderão ir junto com as pessoas das comunidades em nome de Jesus Cristo, no decorrer dos próximos vinte anos de discussão em tórno do fundamentalismo e do iluminismo.